



Diário Oficial

Estado de São Paulo

Geraldo Alckmin - Governador

PODER
Executivo

SEÇÃO I

Palácio dos Bandeirantes Av. Morumbi 4.500 Morumbi São Paulo CEP 05650-000 Tel. 2193-8000

Volume 125 • Número 122 • São Paulo, sexta-feira, 3 de julho de 2015

www.imprensaoficial.com.br

imprensaoficial

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Escola estadual recebe alunos de várias partes do mundo

A mistura de sotaques, especialmente da língua espanhola e do português, se espalha pelos amplos espaços da Escola Estadual Marechal Deodoro. “Dos 874 estudantes (de 1º ao 5º ano) do ensino fundamental, 55% são estrangeiros ou filhos de estrangeiros”, informa a diretora Sônia Frazão. A escola centenária tem histórico na acolhida de povos vindos de diversos países. Inicialmente eram libaneses e coreanos, depois vieram os da América do Sul, mas “sempre recebemos muitos estrangeiros”, comenta.

FOTOS: CLEO VELEDA



Alunos da EE Marechal Deodoro se divertem brincando de pular corda, pega-pega e amarelinha

Situada no Bom Retiro, instituição acolhe estudantes vindos da Bolívia, Argentina, Coreia, Peru, Chile, Paraguai, de países africanos e do Oriente Médio

O ecletismo cultural da escola se estende ao nome da rua, dos Italianos, localizada no bairro do Bom Retiro. “Aqui temos integração e inclusão. Não importa se a fala ou o cabelo são diferentes”, frisa a diretora. A maioria dos alunos é boliviana. Em seguida, vêm paraguaios, argentinos, chilenos, peruanos e coreanos. No ano passado, a instituição recebeu um palestino e um judeu. “As maiores barreiras são a língua e o emocional. Eles chegam tímidos, não querem conversar. São os alunos mais antigos que ajudam na acolhida, adaptação e com o idioma”, conta a diretora.

Brincadeiras – Neydi Alejandra exerce esse papel com a colega Jaqueline Silvestre. Com 7 anos, as



Neydi, Jaqueline, a professora Maria e a turma

garotas bolivianas chegaram a São Paulo no fim de 2014. Neydi se comunica melhor e auxilia a colega. “Ela é muito tímida”, justifica. Como ajudavam a família, não iam à escola. “Meu pai costura até de noite. Minha mãe cozinha para todos, inclusive aos sábados”, diz Neydi. A garota sente saudades do cachorro deixado para trás, mas se diverte pulando corda e brincando de esconde-esconde e pega-pega. O jogo de amarelinha foi feito a pedido dos pais estrangeiros.

Ambas estão sendo alfabetizadas. “Até o fim do ano elas estarão ótimas”, prevê Maria Rodrigues, uma das 39 professoras da escola. Com muitos desenhos e registros das aulas, os cadernos das garotas trazem algumas incorreções. “São erros de ortografia comuns para o ano, a idade e a mistura de idiomas. Os alunos bolivianos sempre fazem a lição de casa e são dedicados. É gratificante dar aula para eles”, comenta a docente.

Cardápio – A mestre, como eles a chamam, diz ser usual a mãe perguntar se o filho está melhorando. “Os pais cobram muito deles, são rigorosos”, frisa. “Interessados, acompanham tudo. Se não entendem a lição dos filhos, dizem ‘no compreendo, senhora diretora.’” O tratamento formal é prática comum dos pais e alunos sul-americanos, informa a diretora.



Núbia e Eojin: “Adorei quando me receberam”

Filhas de bolivianos, Emily Cibele Alejo Velasques, 8 anos, e Madelen Jolie Sanches Juaniquina, 7 anos, dizem que os pais misturam os idiomas em casa. Elas entendem a língua materna, mas respondem em português. “Minha mãe nem faz mais comida boliviana”, conta Madelen, enquanto toma o lanche servido na escola. A diretora Sônia diz haver dificuldade, ainda, na aceitação de frutas. “Insistimos, porque seguimos cardápio elaborado por nutricionistas”.

Não raro, a diversidade de nacionalidades se encontra lado a lado. Sentadas em carteiras justapostas, Eojin Kim e Núbia Choque Flores se tornaram amigas e compartilham mais que a proximidade e os 8 anos de vida. “Fiquei feliz quando ela chegou, porque passei a ter par na sala”, conta Núbia, filha de bolivianos. “Adorei quando me receberam”, relata Eojin, cujos pais são coreanos. Ela se encanta com as roupas de boneca feitas pela mãe da colega: “Tem uma verde e azul linda”, elogia.

Saudades – Núbia compartilha o gosto pelas brincadeiras, cálculos e desenhos. Gostaria que o espanhol fosse o seu segundo idioma, como o coreano é para a colega. “Minha mãe não tem tempo, só me ensina algumas palavras e frases e me ajuda na lição de casa.” Filha de comerciantes,

Eojin ensina os pais a falar português e o irmão, nos dois idiomas. “Eu e minha mãe não gostamos de errar.” Em casa, segue cardápio típico coreano, com muito peixe. “Mas como bastante frutas também”, relata a menina que fala com desenvoltura e dicção perfeita.

A colega de sala das duas garotas, Maria Celeste Quispe Callan, 9 anos, conta que a família deixou o hábito de comer pizza e empanados em Buenos Aires (Argentina), sua terra natal. Lá ficaram uma bicicleta e os brinquedos, ao imigrar para o Brasil. “Quero viajar para o lugar onde nasci, porque sinto saudades. Deixei tudo lá.” Há três anos em São Paulo, diz que a principal diferença é que na creche argentina se errasse “tinha de praticar, e só ia brincar depois que terminasse”. É a menina quem ensina os pais bolivianos e os dois irmãos menores a falarem o idioma nacional.

Português – Para facilitar o aprendizado, a escola envia a “sacolinha viajante” contendo um livro para a família ler para o filho e relatar a experiência depois. Ainda misturando os idiomas, Francisco Machaca Roya diz que o filho, Jefferson Kleber, 6 anos, “gostou muito da leitura – do livro *Quem soltou o pum?*, de Blandina Franco e José Carlos Lollo –, que conta como o Minino (personagem) aprende a não soltar pum *delante* (na frente) das pessoas”. O garoto, que gosta de assistir à TV e de jogos eletrônicos, diz ter achado engraçada a história do cachorro Pum e os trocadilhos da narrativa.

Além da recuperação rotineira, diz a diretora, há outras duas modalidades: com jogos eletrônicos (alfabetização), que ocorre na sala de informática, e leitura feita pelos alunos maiores (de 10 e 11 anos) e menores (6 anos). Aos pais é oferecido curso de português, ministrado voluntariamente por estudantes de pedagogia.

As escolas da Secretaria da Educação do Estado atendem 8 mil estudantes de 90 países, dos quais 50% são bolivianos.

Claudeci Martins
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial

SERVIÇO

A matrícula do aluno imigrante em qualquer escola da rede estadual pode ser feita a partir do momento que ele chega ao Estado. Para isso, basta a família apresentar identidade, passaporte ou Registro Nacional de Estrangeiro (RNE)



Emily Cibele e Madelen, na hora do lanche